



Projeto SACI (Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar): formação para o trabalho de Educação em Saúde

THE SACI PROJECT: training for work in Health Education

EL PROYECTO SACI: formación para el trabajo de Educación en Salud

*Julia Hatakeyama Joia**

*Adriana Eiko Matsumoto***

*Maria Cecilia Bonini Trenche**

*Fernanda Bezerra**

*Karina Affonso**

*Sergio Oliveira****

Resumo

Este estudo retrata a história de uma intervenção no cotidiano dos serviços de saúde implicada com a reflexão crítica da realidade e com a emancipação de sujeitos: o Projeto SACI (**Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar**). Este projeto, que se enquadra como Promoção da Saúde e Educação em Saúde inclui questões ambientais às ações desenvolvidas pela Estratégia de Saúde da Família sob a orientação do PAVS – Programa Ambientes Verdes e Saudáveis. Anualmente, estudantes de disciplinas de estágios supervisionados dos cursos de Fonoaudiologia e Psicologia da PUC-SP integrados ao Pró-saúde II, realizado em parceria com a Supervisão Técnica de Saúde da Freguesia do Ó / Brasilândia participam do Projeto SACI, compartilhando informações com os profissionais e com a população, agenciando encontros e atividades, para debater questões relacionadas com o tema saúde e educação ambiental. O resgate de

*Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

**Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil.

***Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

JHJ: Realização de oficinas de escrita e elaboração e revisão do manuscrito. AEM, MCBT, FB, KA, SO: Coleta, sistematização de dados e elaboração e revisão do manuscrito.

E-mail para correspondência: Julia Hatakeyama Joia - julia.joia@gmail.com

Recebido: 02/12/2016

Aprovado: 30/05/2017



sua história foi feito por meio de oficinas de escrita que reuniu Agentes Comunitários e Profissionais do NASF sob a coordenação de dois tutores educacionais, que em conjunto com professores e estudantes sistematizaram a presente narrativa. O projeto foi implementado por Agentes Comunitários de Saúde (ACS) de uma Unidade Básica de Saúde com o objetivo de promover Educação em Saúde com crianças e adolescentes da região, que apresenta altos índices de vulnerabilidade social. O resgate de sua história mostra a potência transformadora de um coletivo mobilizado, consciente das contradições que enfrentam cotidianamente, e participante de uma rede de relações do território de saúde.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Políticas Públicas; Atenção Primária à Saúde

Abstract

This study presents the story of an intervention in the daily practice of health services involved with the critical reflection of reality and with the development of the subjects: the SACI Project (Dream, Waking up, Contribute and Integrate). This project is characterized as Health Promotion and Health Education and includes environmental issues in the actions developed by the Family Health Strategy under the guidance of Green and Healthy Environments Project - Building Integrated Public Policies (PAVS). Each year, students from disciplines of supervised stages of speech therapy and psychology courses of PUC-SP, integrated with the Pro-Health II and in partnership with the Health Technical Supervision of Freguesia do Ó / Brasilândia participate in the SACI Project, sharing information with professionals and with the population, touting meetings and activities, to discuss issues related to the theme of health and environmental education. The rescue of its history was done through writing workshops attended by Community Agents and professionals of NASF under the coordination of two educational tutors. Together with teachers and students, they systematized this narrative. The project was implemented by Community Health Agents (CHA) of a Basic Health Unit in order to promote health education to children and adolescents in the region, which has high social vulnerability indices. In addition, the rescue of its history shows the transforming power of a mobilized public, aware of the contradictions they face daily and participant of a network of health territory relations.

Keywords: Health Education; Public Policies; Primary Health Care.

Resumen

Este estudio presenta la historia de una intervención en la práctica diaria de los servicios de salud que participan en la reflexión crítica de la realidad y con el desarrollo de temas: el proyecto SACI (Sueño, Despertar, Contribuir e Integrar). Este proyecto se inscribe como Promoción de la Salud y Educación para la Salud incluye cuestiones ambientales a las acciones desarrolladas por la Estrategia de Salud de la Familia bajo la dirección del Proyecto Ambientes Verde y Saludable - Construyendo políticas públicas integradas (PAVS). Cada año, los estudiantes de disciplinas supervisados etapas de cursos de terapia del habla y la psicología de la PUC-SP, participan en el Proyecto SACI, el intercambio de información con los profesionales y con la población, haciendo alarde de actividades para examinar cuestiones relacionadas con el tema del rescate de la salud y la educación ambiental. O rescate de su historia se hace a través de talleres de escritura asistido por Agentes comunitarios y profesionales de lo NASF bajo la coordinación de dos tutores educativos, que en conjunto de los profesores y estudiantes sistematizan esta narrativa. El proyecto fue implementado por Agentes Comunitarios de Salud (ACS) con el fin de promover la educación para la salud de los niños y adolescentes de la región, que tiene altos índices de vulnerabilidad social. Y el rescate de su historia muestra el poder transformador de un público movilizado, consciente de las contradicciones que se enfrentan todos los días y participante de una red de relaciones territoriales de salud.

Palabras clave: Educación en Salud; Políticas Públicas; Atención Primaria de Salud.

Introdução

“Os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de distintos modos; trata-se é de transformá-lo” MARX

A Brasilândia é um distrito da cidade de São Paulo, situado na zona norte do município de São Paulo que abrange uma área de aproximadamente 298 km², tendo 2.189.273 habitantes¹. O território da Brasilândia foi inicialmente ocupado nas proximidades dos limites do distrito da Freguesia do Ó, por meio de loteamentos regulares para população de média renda¹. Segundo dados da prefeitura de São Paulo¹, a população total dos distritos da Brasilândia e da Freguesia do Ó em 2010 era de 407.245 habitantes, em uma área de 31,5 Km². Na Brasilândia, cuja área corresponde a 21 km², concentram-se 264.918 habitantes, ou seja, pouco mais de 65% da população da região dos dois distritos¹. A região apresenta altos índices de vulnerabilidade social e, em sua condição periférica, tem como manifestações mais visíveis de sua segregação socioambiental a violência, a degradação urbana, o longo tempo gasto em deslocamentos e a precariedade das políticas públicas sociais. A insuficiência de serviços públicos, associado à falta de investimento naqueles que existem, e à inadequação às demandas do território, explicitam a precária atenção despendida a esta região².

De acordo com o “Relatório Projeto Juventude e Prevenção da Violência”³, realizado pelo Ministério da Justiça por meio da Secretaria Nacional de Segurança Pública em 2010, os moradores da região da Brasilândia apontam como deficiências e problemas do território: a falta de acesso à saúde (devido à demora no atendimento e à falta de “postos de saúde”), à educação de qualidade, à cultura e lazer, a deficiência nos transportes públicos, as condições das moradias, a coleta de lixo deficiente e a consequente sujeira nas ruas, a falta de segurança e de trabalho.

Como consequência, observa-se que a região sofre uma intensa estigmatização, predominando uma visão negativa e muito associada à violência. O referido relatório cita que muitos moradores, ao falarem sobre o local onde moram, preferem se situar em distritos vizinhos, como Nova Cachoeirinha ou Freguesia do Ó devido ao estigma do território e da consequente discriminação sofrida por eles. Soma-se a este cenário a situação de particular vul-

nerabilidade de crianças, adolescentes e jovens na região: mais da metade da população entre 12 a 29 anos do distrito da Brasilândia, está em situação de vulnerabilidade à violência, sendo o Jd. Paulistano, seguido pelo Jd. Damasceno, os bairros com maior número de jovens em vulnerabilidade³.

A violência e a vulnerabilidade social apresentam-se como desafios centrais também às políticas de saúde⁴, em especial à Estratégia Saúde da Família, implementado desde 1998 no âmbito da Atenção Básica, que tem na vida cotidiana e suas relações com o território seu principal locus de atuação, visando ampliar e fortalecer as ações de prevenção e de promoção de saúde junto às famílias e comunidade⁵. Cabe aos profissionais da ESF aproximarem-se da população e fortalecerem vínculos de troca permanente que permitam identificar situações de risco à saúde e também intervir no contexto de cada comunidade, de acordo com demandas em saúde existentes, e em conjunto com as pessoas daquele território⁶. Uma parcela importante do trabalho exercido pelos ACS é trabalho educativo, que envolve: o compartilhamento de saberes e práticas; contribuição para que a população reconheça as situações de risco à saúde; a promoção de mobilização popular para a garantia de direitos que permitem melhorar as condições de vidas; a interação consciente entre sujeitos sociais que podem de fato promover mudanças.⁷

O Projeto SACI (Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar), tema da presente narrativa, surgiu nesse panorama e com essa referência teórica, buscando aproximar ainda mais as políticas de saúde às demandas do território, sintonizando-se com os contextos de vulnerabilidade juvenil e inventando possibilidades de intervenção. Desenvolvido por Agentes Comunitários de Saúde da Unidade Básica de Saúde Rejane Silmarya Marcolino, localizada no Jardim Damasceno, o Projeto Saci trabalha com crianças e adolescentes do bairro, objetivando a Promoção da Saúde por meio da Educação em Saúde. Por meio deste projeto, os Agentes Comunitários de Saúde buscam aproximar-se de crianças e adolescentes do bairro e produzir reflexões juntamente a eles a respeito da comunidade em que viviam, os problemas que enfrentavam e formas de transformá-la. Distanciam-se, portanto, das concepções de saúde restritas aos processos biomédicos, exercitando uma noção ampliada de saúde, que necessariamente deve articular-se a outros setores como educação, assistência social, saneamento bá-

sico, habitação transporte, segurança, entre outros, e sempre tendo em vista as necessidades daquele território e sua potência de transformação.

O resgate da história do desenvolvimento do Projeto SACI e o modo como, ao longo de seu aprendizado, suas ações se desdobraram em diferentes âmbitos de atuação foi o tema escolhido pelos ACS da UBS para o trabalho nas oficinas de escritas desenvolvidas no âmbito do Pró-saúde nessa unidade em 2014. O projeto SACI acolheu anualmente os estudantes do Pró-Saúde, levando-os, em seus estágios nessa UBS, a se envolverem com práticas de saúde coletiva e a contribuir com as equipes responsáveis pelo seu desenvolvimento nas diferentes etapas do projeto (planejamento, implementação e avaliação das ações no semestre). A presente narrativa foi escrita inicialmente a partir de quatro oficinas presenciais desenvolvidas no âmbito do Pro-Saúde, nas quais dois estudantes do Programa de Pós-Graduação de Psicologia Social da PUC-SP assumiram o papel de coordenação de rodas de conversa, procurando dar voz a um grupo de ACS, que detinha conhecimentos sobre a criação e desenvolvimento do projeto, buscando auxiliar o grupo a sistematizar suas reflexões sobre essa experiência. O material narrativo produzido a partir das rodas de conversa foi transcrito, disparando uma segunda etapa de elaboração do manuscrito, na qual se constituiu outro grupo composto por um dos ACSs, que se envolveu com a produção da narrativa escrita realizada nas oficinas, uma estudante e duas docentes que participaram direta ou diretamente do projeto. O grupo trabalhou no aperfeiçoamento da narrativa escrita, que destaca essa frutífera parceria, ressaltando como a aproximação entre trabalhadores e estudantes tem sido também um importante lugar de produção e compartilhamento de conhecimento e práticas. O objetivo deste estudo é, portanto, apresentar a história do Projeto SACI, desde seu surgimento, como uma prática de Educação em Saúde de intervenção no cotidiano implicada com a reflexão crítica da realidade e com a emancipação de sujeitos.

Educação em Saúde como prática cotidiana de emancipação e transformação

Trabalhar com políticas públicas é instar-se diretamente no cotidiano de vulnerabilidade social vivenciado pela maioria da população brasileira.

A teoria do cotidiano, formulada por Agnes Heller⁸, nos fornece importantes contribuições para refletir sobre tais práticas. Para a autora, é a partir do indivíduo da vida cotidiana, aquele voltado às atividades necessárias à sua sobrevivência, sendo sempre ser particular e ser genérico, que é possível criticar o modo de produção capitalista como produtor de alienação e de processos de opressão de determinados segmentos da sociedade.

O pensamento cotidiano orienta-se para a realização das atividades cotidianas, o que significa afirmar que existe uma unidade imediata do pensamento e da ação na cotidianidade. Essa unidade imediata faz com que o “útil” seja tomado como sinônimo de “verdadeiro”, o que torna a atividade cotidiana essencialmente pragmática. A ultrageneralização também está na base do pensamento cotidiano e, tal como as demais características da cotidianidade, é uma tendência necessária à vida, pois seria impossível analisar integralmente as características de cada situação ou pessoa antes de nos comportarmos frente a elas. Valemo-nos, portanto, de juízos provisórios que serão refutados a partir do momento em que não mais nos capacitarem à orientação e à ação.⁹

A vida cotidiana é, portanto, primordial no processo de reprodução de processos sociais de alienação, que objetiva aos sujeitos, incapacitando-os para a produção de suas próprias realidades. Assim perpetuam-se e legitimam-se desigualdades, encobertas como naturais e imutáveis. Desvelar essa atmosfera de ilusória igualdade e legitimar a desigualdade social e a luta de classes através da práxis, como forma de transformar essa situação junto aos oprimidos, é uma das formas de combate a este cenário⁷.

Assim, a Educação em Saúde no âmbito da Estratégia Saúde da Família pode ser compreendida como uma prática que abre reflexões sobre a vida cotidiana e propulsiona a ampliação da autonomia e do pensamento crítico dos sujeitos frente às suas condições de vida. Como ensina Paulo Freire¹⁰, a educação é potencialmente um processo emancipatório dos sujeitos, por meio do qual a reflexão crítica sobre a realidade permite aos homens e mulheres posicionarem-se como seres históricos. A Educação em Saúde implica a desconstrução das relações de objetificação dos sujeitos, sob dois pontos de vista: 1) da Educação, que historicamente entendeu aquele que aprende como receptor passivo de informações e o educador como aquele



transmite a compreensão sobre a realidade; 2) da Saúde, que igualmente perpetuou uma relação de subordinação do doente aos parâmetros biológicos e ao ato médico¹¹. Muitos projetos educativos em saúde, inscritos na perspectiva de transmissão de um conhecimento especializado a ser ensinado à população, desvalorizam ou ignoram o saber-viver aprendido no cotidiano da vida. Educar, na perspectiva de construir um aparato crítico às realidades sociais, e de produzir saúde como um processo indissociável entre o pensar o cotidiano e as condições de produção da vida são norteadores essenciais nas interfaces educação e saúde comprometidas com a emancipação de sujeitos e com a transformação social.

O surgimento do Projeto SACI: Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar

O Projeto SACI surgiu no contexto do processo de formação de Agentes Comunitários de Saúde de toda a rede municipal de Atenção Básica, promovido como uma das primeiras ações do Programa Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS)¹², em 2007. O Projeto Ambientes Verdes e Saudáveis – Construindo Políticas Públicas Integradas - PAVS que surge em 2005, da necessidade de se implementar políticas voltadas para a inclusão de questões ambientais no conjunto das ações de Promoção de Saúde e melhoria da qualidade de vida da população, utilizando como estratégias as ações desenvolvidas pela Estratégia de Saúde da Família (ESF).

Durante seis meses, em aulas semanais durante todo o dia, a capacitação aprofundou temas como lixo, água e energia, biodiversidade, consumo responsável, entre outros. Posteriormente, esses temas foram agrupados em oito eixos temáticos: Lixo e poluição; Água e energia; Biodiversidade e arborização; Convivência saudável e zoonoses; Consumo responsável; Cultura da paz e Não violência.

A equipe de professores que organizavam o curso eram da Universidade do Meio Ambiente e Cultura da Paz (UMAPAZ) do Departamento de Educação Ambiental da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) da Prefeitura do Município de São Paulo¹³, que trouxe como metodologia específica para esse processo de formação, um enfoque nas realidades e particularidades locais e uma forma coletiva de trabalho pautado na organização participativa. A proposta do curso

era de que, ao término, cada ACS retornasse ao seu serviço de origem e pudesse desenvolver os conceitos do programa no seu cotidiano de trabalho. Para isso, pequenos grupos eram incentivados a escrever projetos que deveriam focar intervenções no território, de acordo com suas demandas.

Ao longo do processo, cada grupo começou a ter sua própria identidade e o grupo formado pelos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da UBS Sylmaria e da UBS Vista Alegre tiveram a iniciativa de criar ações coletivas subsidiadas pela formação. No final do curso, um dos projetos apresentados pela UBS Sylmaria, o Projeto Saci, foi eleito dentre os outros, recebendo a possibilidade de incentivo financeiro para sua implementação. A proposta era de educação ambiental para crianças e adolescentes de 06 a 16 anos, com encontros semanais. A faixa etária escolhida como foco da intervenção foi decorrência do levantamento feito pelos ACS de que eram as crianças e adolescentes que, naquele território, não tinham acesso a atividades no período extra-escolar. As equipes de Saúde da Família e os seis ACS que conceberam e deram início ao Projeto conheciam, nas suas microáreas, essas crianças e elaboraram o projeto com base na necessidade de ofertar a elas outros espaços de socialização e de engajamento.

Assim, desenharam o primeiro esboço do projeto e foram ouvir os jovens da comunidade. Começaram a ouvir uma série de sonhos dessas crianças e entenderam que uma contribuição interessante seria ajudá-las a pensar esses sonhos no mundo desperto. Dessa ideia surgia o S.A.C.I., sigla para Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar.

Educação Ambiental e o lixo na comunidade

O Projeto teve início em 2008 e contou com os recursos do PAVS nos dois primeiros anos¹. Os encontros aconteciam semanalmente, sendo que cada turma era constituída de 30 jovens de 6 a 16 anos, sendo que cada turma tinha duração de seis meses. As atividades ocorriam no Jardim Damasceno em um espaço cedido por uma igreja evangélica da região. O projeto era patrocinado por uma padaria e um supermercado que forneciam o lanche às

1. Os Agentes Comunitários de Saúde envolvidos no início do Projeto eram: Rodrigo Oliveira, Maria Gildani, Edna Morales, Maria do Socorro, Edilaine Pereira e Sergio Oliveira.





crianças após o término do projeto, objetos personalizados como camiseta, boné, mochila, caneca e material escolar como guache, tinta, folha, canetas.

O trabalho com cada turma tinha como norteadores os eixos temáticos da formação do PAVS, adaptados para as crianças e adolescente. No primeiro encontro do projeto foi realizada uma atividade de mapa mental, na qual os educadores pediram para que os participantes fizessem um desenho do caminho de sua casa até o local do encontro. Após essa abertura, dividiram o grupo e deram uma volta pelo bairro. Ao retornar para a sala propuseram que os participantes incorporassem em seu desenho o que foi percebido nessa caminhada, foi problematizada a questão do lixo, que pouco havia sido percebida antes disso.

Percebia-se que, naquela comunidade, a presença do lixo espalhado no espaço público acabava virando parte da paisagem. O ato de jogar qualquer coisa em qualquer lugar, na mata, nas ruas, na porta de casa pareceria ser visto como natural. Ao problematizar a situação as crianças e os jovens foram incentivados a falar sobre o tema, e mostrar que sabiam, os ACS que coordenavam as atividades ajudavam a aprofundá-lo.

Após esse ciclo inicial de problematização e aprofundamento teórico, os participantes do SACI foram convidados a pensar um projeto pessoal de intervenção na realidade. A regra era que a ação devesse partir de algum tema desenvolvido no grupo. Cada jovem devia entender e formular qual seria o público – a família, pessoas que transitavam na rua, alunos na sala de aula ou escola –, se sua ação seria individual ou coletiva. Os ACS, enquanto educadores, acompanhavam e forneciam apoio no desenvolvimento de cada um desses projetos. As crianças e adolescentes, portanto, eram convocadas a assumirem o papel de agente, de interventor em sua própria comunidade, necessitando, para isso, refletir sobre o diagnóstico daquela região e de formas de transformar a realidade identificada.

Nos anos de 2010 e 2011, dada a consolidação do Projeto na UBS Sylmaria e os bons resultados que vinham trazendo, os coordenadores do Projeto foram chamados a capacitar e a mobilizar a criação de projetos similares em outras seis UBS da região, entre elas UBS Jardim Paulistano, UBS Jardim Guarani e UBS Jardim Vista Alegre. Nessa capacitação, além dos Agentes Comunitários de Saúde, participaram também os Agentes de Proteção Ambiental (APAs), que tinham a incumbência de

trabalhar educação ambiental em saúde. Cada uma das UBS tentou reproduzir alguma ação do SACI, algumas optaram por fazer da mesma forma, outras optaram por um determinado nicho – por exemplo: horta, biocostrução, aulas temáticas em escolas.

Ao final do recurso adquirido para o apoio ao Projeto, que durou 2 anos e propiciou a formação de 4 turmas, para a continuidade das ações foi necessário fazer novas parcerias. Redes de apoio com coletivos e com pessoas da região e de outras regiões foram formados fazendo com que o Projeto pudesse se sustentar mesmo sem recurso específico. Uma das parcerias foi junto ao Parque Estadual da Cantareira, que fornecia, em determinadas datas, entrada franca para os grupos do Projeto. Outro apoio veio da Transition Brasilândia, ligado à Fundação Stikel, uma proposta vinda do exterior que visa à criação de cidades sustentáveis. Esse parceiro buscava articular-se com aqueles que já atuavam no território, formando uma rede com diferentes grupos que atuavam na região, e impulsionando ações interligadas. Os participantes do Projeto Saci passavam a integrar ações do Transition Brasilândia e vice-versa, potencializando as ações e ideias de sustentabilidade da região.

A entrada da PUC-SP no Projeto deu-se nesse momento, por meio do Pró-Saúde, que busca a aproximação entre os serviços de saúde desse território e a Universidade. Avaliou-se que a Universidade poderia contribuir para um planejamento mais sistemático e intensificação das ações e reflexões para o desenvolvimento do projeto. Essa inserção da Universidade, no entanto, foi construída ao longo de vários semestres, buscando sempre problematizar as contradições oriundas do encontro entre saber popular e o discurso científico que se fazia presente tanto nas ações dos trabalhadores como dos estudantes.

Em outras palavras, após longo período debatendo a respeito das intencionalidades e objetivos conjuntos, percebeu-se a necessidade de construção de um espaço específico que abarcasse a elaboração de saber-fazer no encontro entre Universidade e Serviços, instituições de políticas públicas e a comunidade, o que se mostrou como um espaço possível em termos de uma educação problematizadora e dialógica, legitimando a conquista de direitos a todos os cidadãos.

Para tanto, houve um esforço enorme por parte de todos em ajustarem as propostas e construir um projeto de intervenção que fosse coerente com





as propostas de cada um dos grupos envolvidos, as demandas do território, contexto histórico de atuações e dinâmicas políticas, questões sobre a saúde do trabalhador, em específico o trabalho dos ACS e a necessidade de um trabalho mais articulado, a partir da construção e/ou fortalecimento de redes entre os dispositivos do Estado.

Dessa forma, em conjunto, avaliou-se que havia demandas que poderiam ser divididas em três frentes de atuação: problematizar questões de sexualidade e questões de gênero no território, dar atenção à saúde mental no território e aproximar adolescentes do território aos cuidados com a saúde.

O Projeto SACI com a PUC-SP na educação formal

Assim, no mesmo ano de 2012, concebeu-se a entrada do Projeto SACI em outro espaço: a escola formal. A escola escolhida foi a E.E. Doutor Genésio de Almeida Moura, situada no topo do morro do bairro Jardim Damasceno, um território no qual existe mobilização popular em vista de uma postura política e muitas das conquistas são realizadas por pessoas que constroem, através de esforços próprios, projetos de melhoria e garantia de direitos que muitas vezes não chegam a esta região.

Após um diálogo prévio com professores da escola, e dada sua preocupação com a incidência de alunas grávidas a partir dos 12 anos, o formato escolhido para a intervenção na Escola foram palestras sobre sexualidade em diferentes anos do Ensino Fundamental, ministradas por Agentes Comunitários da Saúde (ACS) e Professores. O projeto SACI e seus protagonistas enxergaram esta oportunidade como uma porta de entrada na escola para, então, desenvolver atividades mais específicas da cultura de paz e educação ambiental. Além disso, esta demanda se mostrou afinada com a proposta pedagógica dos estagiários da PUC-SP que desenvolveriam ações na interface da saúde e educação com adolescentes no território.

Ainda na primeira visita à escola foi realizada uma atividade de desenhos com as crianças para suprir uma demanda pontual dos professores que diziam que elas não tinham sonhos. O resultado, não por menos, foi extremamente revelador, já que mostrou exatamente o contrário, denotando a importância de abrir a escuta aos desejos dessas crianças e fortalecer suas formas de expressá-los.

Deste modo, na atividade de estágio, e no diálogo profícuo entre Universidade e Serviços, as estagiárias buscavam problematizar os meios de intervenção de modo que fizessem sentido para os educandos, partindo de metodologias mais participativas. Buscavam, então, convocar os educandos para fazerem perguntas anonimamente, dentro de seus respectivos grupos, já que usamos isso como estratégia de intervenção, e o que encontramos foram perguntas pertinentes que buscavam métodos contraceptivos e uma apropriação do funcionamento fisiológico em vista de um contexto no qual a vida sexual se inicia, em grande parte dos casos, no final da infância.

Os resultados indicaram que outras formas de aproximação às crianças e adolescentes são necessárias, especialmente no sentido de escutar suas demandas e modificar os tradicionais formatos de exposição, ainda tão permanentes na lógica da educação formal. As trocas que se produziram nos encontros entre ACS, estagiários, crianças, professores e outros profissionais da escola mostraram a necessidade de espaços que permitam a emergência de seus desejos, anseios, necessidades, sonhos, e peculiaridades.

O Projeto SACI no Espaço Arte na Rua

Paralelamente, no ano de 2012, os ACS desenvolveram outra frente de trabalho do Projeto SACI junto às crianças. Ao conversarem com as lideranças comunitárias do bairro, conseguiram viabilizar um espaço para a realização das atividades, o espaço “Arte na Rua”. Localizado às margens do Córrego do Canivete, ao lado do campinho de terra e próximo ao Parque Linear, ele foi concebido e construído por moradores engajados há mais de 10 anos.

O Núcleo Sócio Educativo Arte na Rua já havia tido uma experiência com educação ambiental no Projeto Jovens da Floresta (cujo embrião havia sido o Projeto Chico Mendes para Juventude, em 2004), que atendeu 340 jovens da Brasilândia, no sentido de conseguir formar uma rede de cooperação juvenil internacional em favor das florestas e dos jovens que vivem próximos a elas. Nas palavras da líder comunitária Noêmia: “apesar de estarmos em outra região, existe uma grande identificação e admiração pelo Chico Mendes e pelos seringueiros.



Seus embates ao desmatamento, seus projetos, sonhos e lutas por um mundo melhor”.

As atividades eram desenvolvidas com crianças de idades variadas, dando continuidade à proposta do projeto de realizar uma educação ambiental e de cultura de paz a fim de conscientizar as pessoas da realidade que as cerca e propiciar ações interventivas por parte das próprias pessoas que ali residem. Diferentemente das experiências anteriores, no entanto, encontraram novas demandas das crianças que o frequentavam. No relato dos educadores, nunca haviam trabalhado com crianças de contextos de alta vulnerabilidade social com responsabilidades diversas (eram responsáveis por cuidar não só de si mesmas, mas de suas casas, irmãos).

O Projeto SACI no Espaço Cultural

Em 2013, o Projeto aceitou um convite que implicava mudar seu foco de atuação e que trouxe desafios e novas demandas. Assumindo o caráter itinerante no território, pretendia rodiziar as atividades em diferentes locais da comunidade e com diferentes grupos. Assim, foram chamados pelo Espaço Cultural, um local em que moradores se reúnem para fazer cultura e espaços de conversa, para levar as atividades ao local. A proposta era atuar junto a crianças e adolescentes que estavam fora de espaços educacionais formais, e cujo único espaço de socialização e convívio social era o Espaço Cultural. Já conheciam o trabalho realizado por eles, esporadicamente davam aula ou levavam a “molecada” para alguma atividade, mas nesse momento o pedido era que trabalhassem mais sistematicamente com essas crianças. Conscientes de que representava um desafio para o Projeto, aceitaram o convite e formularam as atividades para a nova turma.

Foram duas turmas, uma de manhã e outra à tarde. Logo no início, deram-se conta de que essas crianças tinham uma relação completamente diferente das que os agentes conheciam. Eles não ficavam sentados na cadeira ouvindo a aula, eram inquietos, brigavam e disputavam, sendo comuns situações de brigas físicas e xingamentos.

Também foram identificando que, nessas turmas, havia muitas situações de violência doméstica e de famílias de alta vulnerabilidade. Uma menina participante do grupo, aos 6 anos de idade, era responsável por cuidar do irmão mais novo,

enquanto o pai bebia, e tinha que ficar dentro de casa, por morar em local de invasão sob ameaça de despejo. Conforme a menina ia contando como se fazia feijão, arroz, macarrão, e toda a responsabilidade que tinha dentro de casa, os educadores perguntavam-se: como é que a gente chega para essa criança e diz “tem que vir aqui no encontro, com a roupa própria para isso, etc..?”.

Outras situações também eram identificadas, como a de crianças que sofriam brutais violências físicas dentro de casa. Dessa experiência, um importante aprendizado, da necessidade de se melhor capacitar e discutir as vulnerabilidades dessas crianças e as situações que envolviam um contexto familiar violento, ou ainda comportamentos tidos como agressivos pelos educadores. Concluiu-se que, ainda que estivessem capacitados para lidar com situações de agressão entre adultos, uma vez que os ACSs não sabiam o que fazer com os embates e tensões vividos na relação com esses jovens. Para isso, necessitavam de maior alinhamento das ações e discussão das formas de lidar com os conflitos de acordo com os princípios da cultura de paz.

Estagiários dos cursos de Psicologia e de Fonoaudiologia foram convidados a participar da construção das atividades, e de um espaço de discussão logo após as atividades, para a reflexão sobre essas atividades e sobre sua articulação com outras ações voltadas à atenção à saúde. Estagiários de Fonoaudiologia iniciaram uma atividade de representação teatral de uma história envolvendo o tema de educação ambiente, adaptada de um filme. A perspectiva era de uma apresentação em um evento do território e na preparação foi possível desenvolver um conjunto de atividades importantes para o desenvolvimento lingüístico, cognitivo, afetivo e cultural das crianças. Também se discutiu a necessidade de levar para as reuniões da ESF com os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) a condição de vida de crianças que precisam ser acompanhadas em seu desenvolvimento, articulando atenção coletiva e individual. As situações vivenciadas nesse grupo trazem muitos questionamentos aos ACS, desafiando-os à compreensão da complexidade do trabalho em saúde com famílias em condição de extrema pobreza. O compartilhamento desses questionamentos com o gestor da UBS possibilita o replanejamento das ações do projeto.



O protagonismo juvenil no Projeto Saci

O ano de 2014 iniciou com a reorientação do seu foco de trabalho. Deixavam de organizar as oficinas de educação ambiental para as turmas de 06 a 16 anos e passavam a resgatar e investir nas turmas que já haviam se formado nos anos anteriores. Esses jovens agora tinham, em média, 18 anos e muitos deles já tinham filhos. Mesmo terminado o período de oficinas no projeto, continuavam a apoiar e acompanhar as atividades. Na busca por ampliar o respaldo dado a esses jovens e inseri-los no processo de construção do próprio projeto, foi constituído o que se chamou de “conselho”, conjunto de jovens já formados pelo projeto e que toparam fazer parte desse grupo. Com cerca de 25 jovens, o conselho deve discutir e participar de todas as decisões pertinentes ao Projeto Saci. Assim, seus componentes, que já passaram por um substancial processo de formação e de transformações ao longo da participação no Projeto podem, também, participar de ações e articulações e ainda representar o projeto. De educandos, passam a ser também educadores e multiplicadores das ideias de educação ambiental e debatedores das questões ambientais e sociais pertinentes às suas comunidades.

Com esse novo formato, que resgatava um antigo sonho desde a concepção do projeto de prezar pela participação das crianças e adolescentes, o escopo de trabalho também se modificou. Desde o final do ano de 2013, identificou-se que a região da Brasilândia vinha recebendo muitos visitantes de escolas da cidade, de estrangeiros e mesmo de turistas ambientais, o que trouxe o foco de trabalho para as trocas de experiências de diferentes realidades e discussões acerca de questões ambientais e sustentáveis no território.

Muitos visitantes vinham para fazer trilha no Parque da Cantareira, no Parque Linear, terreno do Parque da Brasilândia. O projeto passou a discutir questões sócio-ambientais com esses visitantes, em sua maioria, jovens provenientes de outras partes de São Paulo. Por exemplo, uma turma de estudantes em técnico em meio ambiente do colégio FECAP da Liberdade aproximou-se, desejando conhecer as particularidades das questões do meio ambiente na região. Também, três turmas de Ensino Médio do Colégio Gracinha (escola particular da Zona Sul) visitaram o local, guiados pelos jovens do Projeto, querendo discutir políticas

habitacionais e conhecer as questões que envolviam ocupações/invasões de terrenos. O Grupo JOVEM URBANOS da Brasilândia aproximou-se, ampliando as discussões a respeito do meio ambiente.

Assim, por meio de atividades de trilhas, rodas de conversa, grafite e passeio ciclístico produzia-se um amplo olhar do jovem sobre o território e sua contribuição na cidade de São Paulo. Além de grupos de outras regiões de São Paulo, turmas de intercambistas do exterior também se aproximaram, buscando conhecer a realidade da São Paulo. Os jovens que ali moram foram surpreendidos por trocas e histórias de lugares longínquos e desconhecidos, e avaliaram positivamente a experiência.

A parceria firmada com a AOKA Turismo replicava um modelo similar, de visitas guiadas por locais da região, coordenadas ou acompanhadas por participantes do Saci, fomentando as trocas com os visitantes e a apresentação das questões pertinentes ao bairro. Nesse caso, entretanto, a empresa paga uma ajuda de custo pela participação na atividade.

Assim, foi decidido pela equipe de ACS/educadores do projeto e pelo Conselho que as atividades do ano de 2014 seriam voltadas para essas trocas e pelo fortalecimento das parcerias que haviam sido estabelecidas. O Projeto Saci passa a ser uma espécie de pólo, que aglomera e compartilha informação, agenciando encontros e atividades, sem necessariamente haver uma grade planejada previamente. Assim, os jovens representam o Projeto Saci nas ações, sem a presença de educador, e as informações sobre as atividades e as relações com os parceiros passam a ser trocadas por vias virtuais.

Muitas trilhas e percursos: Sonhar, Acordar, Contribuir e Integrar

Conforme nos mostram as experiências itinerantes do Projeto SACI, despertar nos habitantes da região a intimidade com o lugar em que vivem, agregando aos valores pessoais às questões históricas que estruturaram o modo de vida daquele local se faz como pertinente e articulado à noção de Educação em Saúde da Estratégia Saúde da Família¹⁴. A partir deste apontamento, tem-se como direção atrelar às novas descobertas um diálogo entre as perspectivas de situações presentes e as projeções de futuro, exercitando não só uma política de promoção da qualidade de vida, como também a promoção da autonomia, pelo menos



no que diz respeito à ação coletiva e à observação crítica do ambiente social.

Observou-se que no decurso do Projeto, também os ACSs podiam desvincular-se dos mandatos “burocratizantes” do sistema de saúde, ao ultrapassar a lógica de “bater metas”, e voltar-se para a produção de estratégias de fortalecer a comunidade, em especial as crianças, adolescentes e jovens, na reflexão crítica sobre o território e suas condições de vida. Nesse sentido, a invenção de práticas transformadoras nos cotidianos de trabalho não existe sem a reorganização desse cotidiano em função das novas práticas.

Ao considerarmos a relação entre teoria e prática como uma unidade, “*dizemos que a prática é fundamento da teoria já que determina o horizonte de desenvolvimento e o progresso do conhecimento*”¹⁵, buscamos salientar a importância em balizar essa relação partindo das vivências no cotidiano do trabalho para que possamos, assim, manter o rigor epistemológico e nunca perder de vista os fins em relação às condições reais que se apresentam a cada momento.

Na busca pela produção de conhecimento implicada na transformação da realidade em que estamos inseridos, há de se pautar na íntima relação entre saberes formais e informais para que haja de fato produções que subvertam a ordem colonizadora e opressora de um modo de atuação inerte. O compromisso de um pesquisador-atuante, de um estudante-estagiário ou de um profissional-articulador, que compartilha da realidade estudada-vivida parte de um lugar potente na construção de caminhos alternativos pela conquista de direitos e pela subversão de um discurso normalizador¹⁶.

O trabalho junto às políticas públicas implica viver tal desafio cotidianamente, nos encontros com usuários, percursos pelo território, conversas com a rede de serviços, articulações com associações de bairro, lideranças comunitárias¹⁷. Nesse sentido, faz-se necessário, também, compreender os processos de constituição de um pensamento cotidiano, tendo em vista que as intervenções realizadas também se dão nesse nível simbólico. Como já apontado anteriormente, de acordo com Heller⁸, existe uma unidade imediata do pensamento e da ação na cotidianidade. Desvelar essa atmosfera de ilusória igualdade e a desigualdade social por meio da práxis, como forma de transformar essa situação junto aos oprimidos, é uma das formas de combater a este cenário repressor.

Em outras palavras, cabe ao educador, ao investigador, ao estudante, ao ACS, ao psicólogo, a todos nós que estamos em relação com o outro, buscar transformações dessa situação de opressão, a problematização a partir de temas que digam respeito aos grupos que são atendidos pelas políticas públicas, pela via do diálogo.

Os apontamentos presentes no decorrer do processo do Projeto SACI, realizados pelos agentes comunitários de saúde na busca por melhores condições de vida, pelo “ser mais” em seu território, apontam para a potência transformadora de um coletivo mobilizado, consciente das contradições que enfrenta cotidianamente, e participante de uma rede de relações formais e informais imbricada com a constituição histórica do território. Ao relacionar saberes formais e informais, ação e reflexão, em um movimento dialético, com a luta por direitos em um Estado democrático, subverte-se a ordem alienante de uma realidade opressora e inicia-se o processo de conquistas sociais.

Referência

1. Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras [Base de dados na internet]. São Paulo: Secretaria Municipal de Coordenação de Subprefeituras. 2010. [Acesso em: 11 de set. de 2016]. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758.
2. Índice de Vulnerabilidade Juvenil por distritos do Município de São Paulo [Base de dados na internet]. São Paulo: SEADE. 2010. [Acesso em: 05 de jul. 2016]. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/ivj/index.php?tip=map&mapa=10>.
3. Brasil. Ministério da Justiça .Secretaria Nacional de Segurança Pública. Projeto Juventude e Prevenção da Violência. ago 2010 [acessado em: 22 ago 2016]. Disponível em: <http://www.forumseguranca.org.br/storage/download/PJPV%20E2%20Sistematiza%C3%A7%C3%A3o%20de%20experi%C3%Aancias%20de%20preven%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20viol%C3%Aancia%20entre%20jovens.pdf>
4. Pessalacia JDR, Menezes ESD, Massuia D.. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. Rev Bioethikos [Periódico na Internet]. 2010. [Acesso em 12 ago 2015]. 4(4), 423-30 [7 p.]. Disponível em: http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/80/Bioethikos_423-430_.pdf.
5. Camargo-Borges C, Cardoso CL. A psicologia e a estratégia saúde da família: compondo saberes e fazeres. Psicologia & Sociedade [Periódico na Internet]. 2005. [Acesso em: 18 de out de 2016] 17(2), 26-32. [6 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27041.pdf>.



6. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Atenção Básica. 2012 [Acessado em: 2016 ago 18]. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/geral/pnab.pdf>.
7. Morosini MVGC, Fonseca AF, Pereira IB. Educação e Saúde na Prática do Agente Comunitário. In: (org) Martins CM, Stauffer AB. Educação e Saúde - Educação Profissional e Docência em Saúde: formação e o trabalho do agente comunitário. 1a Ed.. Rio de Janeiro:EPSJV, 2007. pp 13-34.
8. Heller A. O cotidiano e a história. 6a Ed.. São Paulo: Paz e Terra; 2000.
9. Rossler JH. O desenvolvimento do psiquismo na vida cotidiana: aproximações entre a psicologia de Alexis N. Leontiev e a teoria da vida cotidiana de Agnes Heller. Cad. Cedes [periódico na internet]. 2004 [Acesso em: ago. 2015] 24(62), 100-16; [16 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v24n62/20094.pdf>.
10. Freire P. Pedagogia do Oprimido. 40 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2005.
11. Educação em Saúde. Dicionário da Educação Profissional em Saúde. Fundação Oswaldo Cruz. [citado em 18 set. 2016] Disponível em: < <http://www.epsjv.fiocruz.br/dicionario/verbetes/edusau.html>>.
12. Programa ambientes verdes e saudáveis – PAVS [homepage na internet]. São Paulo: Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, Estratégia Saúde da Família - Atenção Básica. [Acesso em: 11 de Nov. de 2016]. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/atencao_basica/pavs/index.php?p=17810>.
13. Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente [homepage na internet]. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo. [Acesso em: 30 nov. 2016]. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/
14. Besen CB, De Souza Netto M, Da Ros M A, Da Silva F W, Da Silva C G, Pires MF. A estratégia saúde da família como objeto de educação em saúde. Saúde e sociedade [Periódico na Internet]. 2007. [Acesso em 15 ago 2016] 16(1), 57-68 [11 p.]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sausoc/article/view/7509/9023>.
15. Sánchez Vásquez A. Filosofia da Práxis. 2ª. Ed. São Paulo: Expressão Popular; 2011.
16. Alves VS. Um modelo de educação em saúde para o Programa Saúde da Família: pela integralidade da atenção e reorientação do modelo assistencial. Interface-Comunicação, saúde, educação [Periódico na Internet]. 2005. [Acesso em 31 set 2016], 9(16), 39-52 [13 p.]. Disponível em: http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S1414-32832005000100004&script=sci_abstract&tlng=es
17. Ceccim RB, Feuerwerker LC. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. Physis [Periódico na Internet]. 2004. [Acesso em; 12 out 2016] 14(1), 41-65.[24 p.]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v14n1/v14n1a04>.

